



24° ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT Especial

RACISMO ALGORÍTMICO, INSTAGRAM E INFLUENCIADORES NEGROS¹

ALGORITHMIC RACISM, INSTAGRAM, AND BLACK INFLUENCERS

Isamara Emanuela de Sousa e Silva – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Maria Aparecida Moura – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Esta pesquisa busca compreender a concepção e o funcionamento do racismo algorítmico no Instagram. O estudo possui natureza básica, abordagem qualitativa e procedimentos bibliográficos e documentais, com entrevista com influenciadores negros. Para coleta de dados, utilizou-se a observação sistemática de perfis de influenciadores digitais negros e entrevista semiestruturada com os mesmos. Para análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo para interpretação dos discursos. Os resultados parciais observam que o racismo algorítmico contribui para a manutenção e reprodução da violência, da supremacia branca e dos estereótipos raciais extensivos aos ambientes digitais e com desdobramentos na vida em sociedade.

Palavras-chave: racismo algorítmico; Instagram; influenciadores digitais negros.

Abstract: This research seeks to understand the conception and functioning of algorithmic racism on Instagram. The study has a basic nature, a qualitative approach, and involves bibliographic and documentary procedures, with interviews with Black digital influencers. For data collection, systematic observation of Black influencers' profiles and semi-structured interviews with them were used. For data analysis, content analysis was employed to interpret the discourses. The partial results observe that algorithmic racism contributes to the maintenance and reproduction of violence, white supremacy, and racial stereotypes that extend to digital environments and have repercussions on life in society.

Keywords: algorithmic racism; Instagram; black digital influencers.

¹ Este trabalho é parte da dissertação de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, que tem como título: Racismo algorítmico, Instagram e influenciadores negros.

1 INTRODUÇÃO

O ambiente digital e as plataformas de mídias sociais passaram a ocupar um espaço cada vez maior na vida e no cotidiano de muitas pessoas. Sua funcionalidade possibilita que serviços sejam prestados, produtos consumidos e que interações sociais sejam realizadas. Para isso, existem algoritmos dinamicamente consolidados e a postos para oferecer resultados antecipatórios aos usuários que navegam por esses ambientes, compreendidos também em sua dinâmica informacional.

O racismo algorítmico² se manifesta nos resultados apresentados por esses algoritmos e reproduzem variados métodos de discriminação que já ocorrem no ambiente físico. O comportamento racista reproduzido pelos algoritmos pode cobrir as diferentes fases do desenvolvimento das aplicações digitais, sendo imprescindível o manejo de diferentes dados produzidos pelos programadores e pelos usuários finais para que as ferramentas propaguem as respostas que se traduzem em discriminações.

Enquanto desenvolve o código que dará “vida” a um algoritmo, um programador pode incorporar nele seus próprios juízos e visões de mundo. A partir dessa influência, o algoritmo, uma vez formalizado, pode gerar respostas e ações baseadas nos dados utilizados em seu treinamento e na forma como foi construído. Além disso, algoritmos podem aprender e absorver padrões a partir de feedbacks e interações com os usuários. Assim, o comportamento racista dos algoritmos depende tanto da influência de seus programadores quanto das interações com a comunidade usuária e seus rastros digitais discriminatórios.

É importante salientar que por integrarem um contexto de inteligência artificial generativa, tais algoritmos tendem a absorver padrões e nem sempre contam com um processo de supervisão ao longo das interações.

Plataformas sociais, como o Instagram, apresentam atualmente um espaço extenso para apoiar a formação de opinião pública, o comércio de produtos e serviços, a produção e disseminação de informação e a criação de tendências que, por sua vez, podem impactar diretamente na vida de seus usuários. É a partir de espaços como o Instagram, e por meio de influenciadores digitais, que padrões e ideias se constroem e perduram; e além disso, é a partir

² O modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social, recursos e violência em detrimento de grupos minorizados (Silva, 2022, p. 69).

das interações mediadas pelas tecnologias, e do fluxo de informações gerados, que usuários podem discriminar abertamente outros usuários, motivados pela aparente neutralidade das ferramentas.

A Ciência da Informação é um campo dedicado ao estudo e desenvolvimento de metodologias para a organização, preservação e disseminação de dados e informações, tanto em ambientes digitais quanto físicos. As pesquisas e processos desenvolvidos nessa área visam garantir à sociedade um acesso mais qualificado ao conhecimento, com ênfase na redução de vieses e na melhoria da qualidade das informações produzidas e compartilhadas, contribuindo para o desenvolvimento social.

Portanto, isso implica que os sujeitos sociais possam, a partir da mediação da CI, produzir reflexões que críticas que os levem a rejeitar métodos de dominação, pensar criticamente e contribuir com a luta antirracista, uma vez que se tornam conscientes do que é o racismo e dos danos causados por ele. Desta perspectiva, a potência crítica da Ciência da Informação pode contribuir na luta antirracista e na consolidação de uma sociedade mais igualitária.

A presente pesquisa tem como objeto central racismo algorítmico. O objetivo geral do estudo é compreender a concepção de racismo algorítmico e seu funcionamento na plataforma de mídia social Instagram. Os objetivos específicos se subdividem em: a) identificar e sistematizar as concepções de racismo algorítmico; b) descrever e analisar a ocorrência do racismo algorítmico no Instagram e c) analisar as estratégias adotadas por influenciadores negros no Instagram em face do racismo algorítmico, das microagressões e suas ocorrências.

2 A RAÇA E OS RACISMOS

Almeida (2019) enfatiza que o termo “raça” não é um conceito fixo e que a ideia de raça, para a distinção de pessoas, tem raízes históricas. No século XIX surgiu o pensamento de que “[...] características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes raças” (Almeida, 2019, p. 21). De acordo com esse pensamento, indivíduos que possuíssem a pele pigmentada, e/ou que vivessem sob o clima tropical, estariam mais propensos a apresentar comportamentos bárbaros ou imorais, além de dispor de pouca inteligência.

Almeida (2019) destaca que, no neocolonialismo, o discurso de inferioridade racial foi continuamente reiterado. Desde o período colonial no Brasil, a percepção sobre a população negra era associada ao “selvagem”, ao “primitivo” e ao “inferior”, justificando seu domínio. Mesmo após o fim da escravidão, o projeto histórico de distinção racial permaneceu enraizado na sociedade contemporânea. Como resultado, a população negra continua a receber os menores salários e oportunidades, com poucos ocupando cargos de destaque ou tendo acesso à qualificação necessária para esses postos.

Portanto, a raça é um princípio de separação, utilizada para privilegiar um grupo dominante e assegurar a sua primazia nas relações de poder. A ideia de raça sempre possuiu caráter político e ainda hoje é utilizada para naturalizar e validar desigualdades, comportamentos segregativos e o genocídio negro (Almeida, 2019).

A partir da ideia de raça se desdobram os racismos que favorecem a manutenção dos privilégios brancos. O conceito de racismo, preconceito e discriminação estão diretamente ligados à ideia de raça, nesse sentido, enquanto o racismo “[...] é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta através de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2019, p. 22), o preconceito racial é o julgamento de um determinado indivíduo baseado em estereótipos existentes a respeito do grupo étnico racial do qual ele faz parte e a discriminação racial, por sua vez, é a forma de tratamento que um indivíduo recebe, negativamente distinto de outros, em virtude de sua raça.

Os racismos se desdobram em variadas concepções, estando entre elas: o racismo individualista, institucional, estrutural, simbólico, aversivo, recreativo e religioso. Na concepção individualista o racismo seria uma “[...] espécie de ‘patologia’ ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados [...]” (Almeida, 2019, p. 25). Essa concepção pode partir da ideia de que o racismo não existe, que já acabou e que todas as pessoas são iguais.

Na concepção institucional, o racismo parte de ações praticadas por representantes de instituições, públicas ou privadas, contra grupos minoritários. Essas ações podem, ou não, levar a raça de um indivíduo em consideração e, normalmente, são dirigidas a membros de minorias que ameaçam o status desses representantes.

O racismo estrutural parte diretamente da sociedade e de suas estruturas racistas, “[...] ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional” (Almeida, 2019, p. 33). Ele está tão enraizado socialmente que aparenta ser uma tradição, de forma a entender que sempre esteve ali e que toda a construção do mundo deriva desta prática.

Na concepção simbólica, o racismo “[...] designa construções culturais que estruturam a forma como minorias raciais são representadas” (Moreira, 2019, p. 34). Nesta concepção, há a formação de uma superioridade moral onde pessoas brancas simbolizam a moralidade enquanto pessoas negras simbolizam o imoral.

O racismo aversivo parte da “[...] expressão de preconceitos sutis, mas persistentes, que indicam o desprazer na interação social com negros” (Moreira, 2019, p. 33). Racistas aversivos podem demonstrar simpatia por pessoas negras e se posicionarem como pessoas não preconceituosas, porém, o sentimento negativo pelo negro persiste, mesmo que expresso de forma inconsciente ou não intencional.

O racismo recreativo possibilita que pessoas brancas utilizem o humor para expressarem a sua hostilidade a minorias raciais e ainda assim afirmarem não serem racistas (Moreira, 2019). Desse modo, o racismo recreativo busca manter representações culturais que validam o poderio branco, enquanto desqualifica grupos minoritários.

Por fim, o racismo religioso pode ser entendido como um conjunto de ideias e práticas que expressam a discriminação e o ódio por certas religiões, seus praticantes, suas tradições, culturas e seus territórios sagrados. Características do racismo religioso são a depreciação das religiões africanas e afro-brasileiras, imputando-lhes a ideia de se vincularem à magia e à bruxaria.

3 RACISMO ALGORÍTMICO

O racismo algorítmico é conceituado por Tarcízio Silva (2022, p. 69) como

o modo pelo qual a disposição de tecnologias e imaginários sociotécnicos em um mundo moldado pela supremacia branca realiza a ordenação algorítmica racializada de classificação social, recursos e violência em detrimento de grupos minorizados. Tal ordenação pode ser vista como uma camada adicional do racismo estrutural, que, além do mais, molda o futuro e os horizontes de relações de poder, adicionando mais opacidade sobre a

exploração e a opressão global que já ocorriam desde o projeto colonial do século XVI.

Exemplos de racismo algorítmico estão espalhados por toda a Internet e nos ajudam a compreender o seu conceito. Em 2020, quando um usuário utilizava o termo composto “cabelos feios” no mecanismo de busca do Google Imagens, os resultados obtidos eram exclusivamente de mulheres negras com cabelos crespos ou cacheados. Ao mesmo tempo, quando a pesquisa era revertida e se utilizava como palavra-chave “cabelos bonitos”, o resultado da pesquisa indicava majoritariamente imagens de mulheres brancas com cabelos lisos e, muitas das vezes, loiros. A ordenação desse conteúdo que diferenciava o feio do bonito, baseado em um padrão de beleza eurocêntrico torna evidente como as tecnologias podem reforçar a desigualdade enquanto perpetuam as crenças da superioridade branca.

Diante dos crescentes casos de racismo algorítmico, cabe um olhar minucioso a respeito dos elementos que envolvem os algoritmos e seus programadores, os usuários que adotam essas inteligências artificiais e, não menos importante, dos proprietários de plataformas. O avanço e a manutenção do racismo algorítmico dependem, diretamente, dos interesses destes envolvidos.

Os algoritmos podem ser construídos a partir dos ideais extremistas de seus desenvolvedores, que podem se sentir livres para arquitetar estruturas que resultem no estímulo ou na propagação de desigualdades até que, sob pressão pública, sejam reeditados e corrigidos. Devido à sua complexidade e opacidade, é custoso acompanhar objetivamente o seu funcionamento, visto que essas características tendem a proteger tanto seus desenvolvedores quanto as empresas de tecnologia que os mantêm.

3.1 Microagressões

O termo microagressões foi apresentado pelo psiquiatra Pierce em 1970 e é conceituado por Sue (2010, p. 24, tradução nossa) como “[...] trocas breves e cotidianas de mensagens que depreciam a certos indivíduos por causa de sua filiação grupal (pessoas de cor, mulheres ou LGBTs)”.

Os mecanismos de microagressões podem ser verbais, não verbais ou ambientais, aplicadas consciente ou inconscientemente, mas em todos os casos elas podem ser igualmente prejudiciais e perturbadoras. Em seu trabalho, Sue (2010) propõe uma taxonomia

para as microagressões e a divide em três categorias maiores: microataques, microinsultos e microinvalidações.

Microataques são atos conscientes que “[...] destinam-se a atacar a identidade de grupo da pessoa ou a ferir/prejudicar a vítima pretendida através de xingamentos, comportamento evitativo ou ações discriminatórias propositais” (Sue, 2010, p. 29, tradução nossa). Microinsultos são “[...] caracterizados por comunicações interpessoais ou ambientais que transmitem estereótipos, grosseria e insensibilidade” (Sue, 2010, p. 31, tradução nossa) e microinvalidações são “[...] caracterizadas por comunicações ou pistas ambientais que excluem, negam ou anulam os pensamentos psicológicos, sentimentos ou realidade experiencial de certos grupos” (Sue, 2010, p. 37, tradução nossa).

O entendimento sobre as microagressões permite que seja possível identificar, dentro de uma ocorrência de racismo algorítmico, ataques e insultos racistas. Essas microagressões também podem se apresentar por ataques textuais, visuais ou audiovisuais, produzidos por usuários que utilizam plataformas sociais para se expressar e relacionar.

4 INSTAGRAM E INFLUENCIADORES

O Instagram é um aplicativo de mídia digital que possui como premissa o compartilhamento instantâneo de imagens. Ao criar uma conta, o usuário tem ao seu alcance uma série de ferramentas como: o compartilhamento de imagens e vídeos, materiais para edição de imagens (como filtros, emojis e transições), *story*, possibilidade interação com outros usuários através de comentários, compartilhamentos e curtidas, bate-papo com mensagens textuais ou chamadas de voz e vídeo, fotografias de visualização única, conteúdo disponibilizado somente para amigos próximos, dentre várias outras.

No Instagram, assim como em outras plataformas de cunho social, é possível encontrar a figura dos influenciadores digitais, entendidos como sujeitos que possuem a capacidade de mobilizar outras pessoas por meio da produção de conteúdo, da boa comunicação, persuasão e presença. A partir dos influenciadores digitais, produtos e serviços são avaliados, resenhados e indicados. Dessa forma, a partir da criação de conteúdo feita por influenciadores digitais, empresas conseguem alcançar clientes em espaços e canais distintos.

A diversidade étnica de influenciadores, entretanto, é um ponto a ser observado. A invisibilidade de influenciadores negros, em diversos nichos de produção de conteúdo,

impacta diretamente na construção da identidade de jovens negros, uma vez que o número escasso de referências reduz cotidianamente as formas de identificação a partir dos ambientes digitais.

Os influenciadores digitais negros, estudados nessa pesquisa, são aqueles que criam e compartilham conteúdos que celebram, perpetuam e partilham a negritude como um valor identitário, através da criação de conteúdos sociais, culturais, econômicos ou políticos, buscando transmitir sua cultura ancestral e determinar espaços de pertencimento étnico racial.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa possui natureza básica, uma vez que busca ampliar o conhecimento sobre um determinado fenômeno. Sua abordagem é qualitativa, pois “[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais” (Richardson, 1999, p. 80). Seus objetivos são exploratórios e “[...] visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito” (Silva; Menezes, 2005, p. 21). Os procedimentos são bibliográficos, uma vez que esta pesquisa está sendo desenvolvida a partir de materiais anteriormente publicados e se baseia em literatura relevante para a sua construção e sustentação teórica, e documental, visto que sua elaboração também parte de materiais que ainda não receberam tratamento analítico.

Para a pesquisa bibliográfica, foram consultadas bases de dados nacionais e internacionais como a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Base de dados de Teses e Dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o *Google Scholar*.

Os métodos de busca utilizaram os seguintes descritores: “racismo algorítmico” e “*algorithmic racism*”. As buscas foram realizadas de forma simples e o recorte temporal se inicia em 2019, quando as primeiras pesquisas a respeito do termo se apresentam nas bases de dados, e se estende por toda a elaboração do estudo. Os filtros utilizados para a seleção foram: título, palavras-chave e resumo; os idiomas buscados foram o português e o inglês. Foram empregados também materiais bibliográficos selecionados a partir de critérios de

autoridade epistêmica, ou seja, autores pertinentes e com trabalhos relevantes para a construção desta pesquisa.

Para a coleta de dados no Instagram, foram identificados e selecionados os perfis de três influenciadores negros (pardos e pretos), brasileiros, que atuam em nichos de criação de conteúdo distinto. Para a seleção, utilizou-se como critério: a) ser um influenciador digital negro e b) possibilidade para contato posterior para a realização de entrevista. O número de seguidores não foi o principal critério para seleção dos sujeitos da pesquisa. Estabeleceu-se como instrumento a observação sistemática, visto que esta “[...] realiza-se em condições controladas para responder aos propósitos preestabelecidos” (Silva; Menezes, 2005, p. 33). Dessa forma, a coleta de dados partiu das interações de usuários com o conteúdo produzido e compartilhado pelos influenciadores observados.

Para fortalecer a compreensão do racismo algorítmico no Instagram e o modo como os influenciadores observados lidam com a sua ocorrência na plataforma, decidiu-se também realizar uma entrevista semiestruturada. O uso da entrevista semiestruturada busca obter outros dados pertinentes que podem não estar presentes no primeiro momento de coleta. Para a realização da entrevista, definiu-se um encontro por influenciador via plataforma digital (*Google Meet*), com duração média de uma hora e com questões previamente enviadas para os participantes. A pesquisa será submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e todo conteúdo produzido e gravado a partir das entrevistas virtuais estarão de acordo com as exigências do CEP.

Para realizar a análise dos dados, optou-se por utilizar como instrumento a análise de conteúdo. De acordo com Laurence Bardin (1977, p. 42) a análise de conteúdo é um agrupamento de métodos de análise que visam obter, a partir de “[...] procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Para a análise dos comentários colhidos no Instagram, buscou-se utilizar as regras de enumeração, ou seja, a presença, ou a ausência, de determinados elementos (palavras e/ou discursos) nas interações usuário-conteúdo e também a frequência com que aparecem nos comentários. O conteúdo a ser analisado se refere a quaisquer características advindas dos racismos (discriminação, preconceito, racismo estrutural, simbólico, aversivo, recreativo,

religioso, epistemícidio ou injustiça epistêmica) e as microagressões que os acompanham (microataques, microinsultos ou microinvalidações).

Para as entrevistas, buscou-se analisar a partir do tema. De acordo com Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 106) “[...] fazer uma análise a partir do tema consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. Desse modo, as questões elaboradas para a entrevista buscam compreender as aparições e a frequência com que os racismos e as microagressões ocorrem no cotidiano de um influenciador negro e como ele reage a essas ocorrências.

6 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Os resultados parciais desta pesquisa compreendem que as técnicas de controle e dominação continuam acompanhando a sociedade em seus mais diversos contextos, de maneira que se instalaram também nos sites, nas plataformas e nos algoritmos orientados pelo caráter generativo da inteligência artificial.

O racismo algorítmico é reproduzido por ferramentas tecnológicas. Entretanto, essa pesquisa busca voltar seu olhar para todos aqueles que também contribuem para a reprodução do racismo algorítmico, visto que todos eles desempenham um papel ativo na reprodução da violência, das injustiças e dos estereótipos raciais. Além disso, espera dar voz e evidência aos discursos de influenciadores negros que lidam em sua trajetória com o racismo algorítmico e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347> Acesso em: 28 jun. 2024.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Rio de Janeiro: Pólen Livros, 2019. 224 p.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308>. Acesso em: 18 set. 2024.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Rev. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SUE, Derald Wing. **Microaggressions in everyday life**: Race, gender, and sexual orientation. New Jersey: John Wiley & Sons, 2010. 360 p.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsas de pesquisa que tornaram possível o desenvolvimento deste estudo.